

REFLETINDO A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA EJA E SUA RELAÇÃO COM A EVASÃO ESCOLAR

Idalina de Assis Santos¹
Verônica Marques da Silva Barbosa²
Maria Aparecida Fernandes Medeiros³

RESUMO

Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa empírica que buscou discutir a formação continuada dos profissionais envolvidos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e sua relação com a evasão escolar neste segmento. Como objetivos específicos: Identificar a visão dos profissionais e alunos acerca da EJA; averiguar a relação entre o processo de escolarização de jovens e adultos e a evasão escolar; como também Discutir a relação entre formação continuada destes profissionais da educação da EJA e evasão escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, que teve como lócus uma escola da rede municipal de ensino de Campina Grande (PB). A pesquisa busca contribuir não só para compreender, mas também ensejar a discussão acerca da formação inicial e continuada de supervisores escolares e professores que atuam na EJA, pois apontou para a necessidade do educador da EJA estar em constante formação, refletindo suas práticas pedagógicas, dando uma nova ressignificação a sua atuação, pois a demanda advinda deste segmento de ensino.

Palavras-chave: EJA; professor; Supervisor; Formação continuada; Evasão.

INTRODUÇÃO

¹ Pedagoga, com Habilitação em supervisão escolar (UEPB), Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica (FIP) e em Gestão (UFPB). Atualmente atua como Coordenadora Pedagógica e professora da EJA na Rede Pública Municipal de Ensino de Campina Grande (PB) e na Secretaria de Educação do Município de Alcantil-PB. PMCG/PB, email: pedagogaidalina@gmail.com

² Pedagoga e professora de Letras/Libras (UVA/UFPB). Especialista em Psicopedagogia; AEE e Inclusão escolar. Prof.^a Educação Básica da Rede Municipal de Campina Grande. PMAC/PB profveronicam@gmail.com

³ Mestre no PPGFP - Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Especialista em Formação do Educador pela UEPB. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Aberta Vida UVA/UNAVIDA. Orientadora Educacional do Município de Esperança-PB. Professora da Educação Básica (Educação de Jovens e Adultos) do Município de Lagoa Seca (PB). UVA/UNAVIDA, email: professoraaparecida@yahoo.com.br

A finalidade da escola muda de acordo com as transformações que se realizam na sociedade. Ela já não se constitui, simplesmente, em um local de aprendizagem, de ofícios como no passado, impondo aos profissionais da educação uma reflexão a respeito de seus papéis, estando neste contexto o orientador educacional, no sentido de entender que a escola hoje se preocupa com o desenvolvimento físico, intelectual, moral e social do indivíduo, mas sem descuidar da reflexão sobre a sociedade e sua cultura.

Assim, para refletir sobre a sociedade, a escola deve considerar seu momento histórico, usando os instrumentos que estejam ao seu alcance para permitir a construção de conhecimentos que auxiliem o ser humano a agir sobre essa “nova” sociedade, que por ser tão dinâmica a todo o momento faz novas e complexas exigências, que são características da modernidade.

A corrida para a modernidade vem provocando a consciência de que o conhecimento se renova, é construído e reconstruído, ou seja, não está dado, pronto e acabado. Assim, para atender a essas novas perspectivas, há de se pensar em “novos” profissionais da educação como o orientador aqui enfatizado, que produza conhecimento, para realizar um trabalho com a comunidade escolar em especial os docentes, e que esteja centrado nos recursos tecnológicos informatizados e suas potencialidades, inclusive na educação, que se encontram disponíveis na sociedade.

Essa modernidade exige aos orientadores determinadas habilidades para que possa articular, competentemente, o conhecimento científico existente no mundo ao processo educativo, inclusive na educação de Jovens e adultos, que convenhamos não é uma tarefa tão fácil. Logo é um desafio que instiga uma prática de orientação criativa, alicerçada em pedagogias inovadoras que favoreçam a melhoria da qualidade do ensino, auxiliando a uma docência instigadora para essa modalidade. Para tanto, é preciso que o orientador esteja devidamente preparado para enfrentar e superar os desafios que lhes são impostos no cotidiano escolar. Isso evidencia a importância e a necessidade da formação continuada na vida desse profissional que é responsável em conduzir pedagogicamente os docentes para uma melhor potencialidade da aprendizagem. Como nos diz Rangel (2001, p. 23): “a dinâmica do processo didático e do conhecimento que se ensinar, aprende e (re) constrói na escola solicita do orientador que incentive e promova o hábito de estudos”.

Temos, pois como objetivos discutir a formação continuada dos profissionais envolvidos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e sua relação com a evasão escolar neste segmento. Como objetivos específicos: Identificar a visão dos profissionais e alunos acerca da EJA; averiguar a relação entre o processo de escolarização de jovens e adultos e a evasão

escolar; como também Discutir a relação entre formação continuada destes profissionais da educação da EJA e evasão escolar.

São essas, pois, as perspectivas desse estudo em que pretendemos contribuir não só para compreender, mas também ensejar a discussão acerca da formação inicial e continuada de orientadores e professores do EJA.

METODOLOGIA

Para este trabalho, tomamos como abordagem metodológica de investigação, a pesquisa de campo do tipo descritiva e qualitativa. Para Minayo (1995, p.21-22), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados a observação não participante e a entrevista semiestruturada.

Para Gil (2006), na observação o pesquisador permanece alheio à comunidade ou processo ao qual está pesquisando, tendo um papel de espectador do objeto observado. Nessa direção, a observação foi feita com alunos de uma turma de EJA de uma escola da Rede municipal de Ensino de Campina Grande (PB).

A entrevista semiestruturada foi realizada com a professora da turma, com cinco alunos e a supervisora da escola. Atento aos princípios éticos, não foram citados os nomes dos/as professores/as entrevistados/as, identificando-os/as apenas com letras.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DA EJA, UMA SAÍDA PARA COMBATER A EVASÃO ESCOLAR

A formação continuada de professores não deve se limitar a simples perspectiva clássica como esclarece Candau (1999, p.52) “A ênfase é posta na reciclagem dos profissionais da EJA”, ou seja, a formação continuada não pode se deter ao ato deste profissionais como orientadores e professores procurar fazer cursos de diversos níveis, que abranjam a modalidade da EJA, ou até mesmo cursos promovidos pelas secretarias de educação, a formação continuada não se resume a cursos de *capacitação*, *que segundo Candau (id., p.53) é o: “locus da produção do conhecimento”*.

A formação continuada parece se resumir, apenas, ao ato de se dispor a fazer um curso de elevação do conhecimento, um curso de capacitação, como se a produção de conhecimento

acontecesse só em cursos de capacitação, como nos adverte Candau (id., p.55):

Se o conhecimento é um processo contínuo de construção, é construção, desconstrução e reconstrução, estes processos também não se dão na prática pedagógica cotidiana reflexiva e crítica? Por trás dessa visão considerada “clássica” não está ainda muito presente uma concepção dicotômica entre teoria e prática, entre os que produzem conhecimento e o estão continuamente atualizando e os agentes sociais responsáveis pela socialização destes conhecimentos?

Como o conhecimento acontece nesse processo contínuo, permitindo ao que aprende a construção, desconstrução e reconstrução, vemos que a autora tenta chamar nossa atenção para ver que esse processo também se dá na prática pedagógica cotidiana, ou seja, a partir do momento em que o profissional da educação aqui ensejando o orientador, ao fazer uma reflexão crítica de sua prática pedagógica, através de seu local de trabalho e indivíduos de seu cotidiano profissional torne-se um pesquisador, para que assim, possa desenvolver a capacidade de repensar seu fazer pedagógico, em prol de uma orientação significativa aos seus docentes, que são os que estão a frente de transmitir conhecimento ao um alunado com Peculiaridade extremamente diversificado, proporcionando uma educação significativa a esses jovens e adultos, principalmente aos que forem trabalhadores.

Dessa maneira a escola passa a ser um importante lugar para se exercer a formação continuada tendo em vista que é no cotidiano da no âmbito escolar que o orientador é capaz de construir, desconstruir, reconstruir e fazer novas descobertas, norteando os docentes no processo expressivo de aprendizado para esses jovens e adultos. Mas para que a escola possa ser concebida como o lócus de formação é importante se pensar na prática docente, orientada de acordo com a realidade imposta, nesse caso uma pratica voltada a EJA, que de acordo com Candau (1999, p 56)

Uma prática repetitiva, uma prática mecânica não favorece esse processo. Para que ele se dê, é importante que essa prática seja uma prática reflexiva, uma prática capaz de identificar os problemas de resolvê-los, e cada vez mais as pesquisas são confluentes, que seja uma prática construída conjuntamente por grupos de professores ou por todo o corpo docente de uma determinada instituição escolar.

Essa formulação nos remete a realidade do nosso objeto de estudo que analisa o alto índice de evasão escolar dos alunos da EJA da Escola Municipal Adalgisa Amorim e sua relação com a formação continuada de profissionais da educação em especial supervisor e professores.

Não queremos com essa reflexão afirmar que a evasão acontece por responsabilidade

exclusiva da ausência de projetos para a formação contínua destes profissionais, mas compreender como a formação continuada é de suma importância como uma das ferramentas para combater a evasão de jovens e adultos, o repensar da prática docente, a prática não mecanizada pode contribuir para evitar a problemática.

Por isso a deslocação de orientadores, supervisores e professores em busca da aprendizagem não garante melhoria, mas quando a escola se dispõe a trabalhar favorecendo a reflexão na coletividade e intervenção da prática pedagógica, criando sistemas de incentivo da prática docente, de maneira que parta da realidade do meio educacional e através da pesquisa elaborar projetos de ação, provavelmente acontecerão mudanças na prática docente, conforme Barreto (1998, p.60) afirma: “[...] o conhecimento nasce da ação. É agindo que homens e mulheres se confrontam com a necessidade de aprender e construir conhecimento. ” O conhecimento é construído através da necessidade de aprender, e não são apenas os alunos que precisam aprender, até porque quando se ensina está se aprendendo novamente, daí ser necessário entender que o aprendizado é um processo contínuo e inacabado, assim quando orientadores se dispõem a aprender através da reflexão de sua prática buscando compreendê-la e entender a realidade de seus docentes e alunos, nasce então, a continuidade da formação, pela ação de buscar com a prática a relação com a teoria estudada, a desconstrução da mesma e a reconstrução incrementada por sua realidade cotidiana.

Trazendo essa reflexão para a EJA e tendo em vista que tratar-se de alunos cuja realidade difere dos alunos que cursam o ensino regular, cresce a importância da formação continuada fundamentada desde profissionais que são responsáveis pelo o ensino e aprendizado, iniciando pelo o orientador que é um condutor dos professores em seus trabalhos na docência, fazendo com que suas experiências possa se torna uma formação continuada, como afirma Candau: “Os saberes da experiência se fundam no trabalho cotidiano e no conhecimento do seu meio. São saberes que brotam da experiência e são por eles validados” (1999, p. 59).

O professor da EJA que busca dar continuidade a sua formação e muda seu olhar a respeito dos (as) seus (suas) alunos (as) propõe-se em ser um instrumento de mediação que construa uma educação com eles (elas) e não para eles (elas), indo além do modelo “bancário” que Freire critica onde o professor deposita o conhecimento no aluno, mas sendo interventor (a) na recuperação de sua humanidade como afirma Freire, não na recuperação de sua trajetória escolar.

Sendo assim o docente estará voltando sua atenção para aprendizagem significativa e não compensatória, assistencialista ou de suplência, mas uma aprendizagem a qual o (a) aluno(a) seja construtor(a) no processo de ensino aprendizagem, que possa reconquistar aquilo

que através da exclusão social e conseqüentemente na trajetória escolar lhe foi tomado, ou seja, à educação que o conscientiza dos seus direitos e o instiga a lutar por eles.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino de Campina Grande (PB), em uma turma de EJA, de Ensino Fundamental I. Os sujeitos do nosso estudo foram uma supervisora, duas professoras e quatro alunos da EJA do turno da noite. Os resultados obtidos sistematizados em histórias de vida dos sujeitos envolvidos na nossa pesquisa revelam a influência na evasão não pela inexistência da formação continuada dos professores, mas sim a jornada de trabalho e o desinteresse dos alunos. A seguir os resultados das entrevistas realizadas durante as visitas a escola. Para manter o sigilo da pesquisa adotamos nomes fictícios para nossos sujeitos.

O que nos revelou a voz dos alunos

As falas dos nossos entrevistados nos oferecem pistas para compreender a importância destes profissionais da escola, professores e equipe pedagógica, na trajetória escolar dos alunos.

Letícia nos aponta a importância da equipe pedagógica em especial gestor e professoras se relacionar bem com os alunos, quando ela fala “Tinha uns que tipo, são amigos, entendeu?”. Para a aluna a professoras estão sempre dispostas a dar aula e se importa com eles na questão da aprendizagem.

A tendência pedagógica que o professor assume para lecionar pode ser determinante na vida de um aluno, pois se esta for tradicional o significado da aprendizagem se resumirá apenas a memorização de conteúdo transmitido por ele, e assim as atividades geradas pelo ensino serão mecânicas e sem sentido. Sendo de grande importância o supervisor ou equipe pedagógica com uma formação significativa em particular reflexiva para lhe conduzir pedagogicamente a tarefa de transmitir essa aprendizagem com tanta pluralidade que é a educação de jovens e adultos.

Por isso repensar a prática é necessário para uma contínua formação, rever os valores para que o ensino não se resuma apenas a um ato de narração do conhecimento sem sentido e sem valor para o aluno, como afirma Freire (1987, p.33):

[...] o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua

narração. [...] A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. [...] A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado.

Ainda analisando a importância desses profissionais educacionais como supervisor, que através de sua formação continuada reflexiva pode conduzir os docentes em aprendizagem significativa, através da realidade vivenciada por estes alunados que possuem tantas especificidades. Vemos através dos relatos dos nossos entrevistados o quanto é importante que o professor tenha cotidianamente essa formação, como é marcante a fala de Cecília ao falar sobre como se sentia quando a professora sempre considerava a sua realidade e o seu mundo de trabalho, ela afirma que não se sentia “Um peixinho fora d’água”, da mesma forma se sente a aluna Ana Júlia quando precisa explicar a professora que tem dificuldades para conseguir chegar à sala de aula no horário, pelo motivo do trabalho

Com essa postura a professora citada anteriormente, queremos refletir sobre a evasão na EJA e da possibilidade desta está relacionada a formação continuada reflexiva desta profissional, dirigindo para seus alunos um novo olhar, que segundo Arroyo (2007) é um olhar voltado para as necessidades do aluno adulto, que tem toda uma gama de prioridades de vida ao entrar na escola. Respeitando as especificidades dos alunos, levando em conta o seu conhecimento prévio, voltando um olhar aos alunos como sujeitos ativos na construção do seu saber. Dessa maneira ao direcionar um olhar motivador aos alunos e reconhecê-los como pessoas participantes na sua própria aprendizagem e investindo numa educação de qualidade que seja significativa na vida deles, através de uma orientação apropriada para educação de Jovens e adultos, os professores podem ser instrumentos capazes de oferecer uma grande contribuição na garantia dos alunos na escola.

É notório nas falas dos alunos, que quando o conteúdo apresenta um significado na vida dos alunos, os mesmos procuram aplicar na sua vida cotidiana e se alegram com os resultados obtidos, por a escola contribuir na sua vida pessoal e profissional.

Essa é a maneira de se fazer a educação libertadora que defendia Freire (1987), de maneira que o saber sistematizado possa interferir no saber empírico de forma a garantir ao educando a elevação do conhecimento, fazendo a educação transformadora e não bancária onde se tem apenas o depósito do saber, mas sim a construção do conhecimento.

O que faz um (a) aluno (a) sair da escola? Os próprios alunos declararam que não ficam na sala só por ficarem, ou seja, os alunos estão em busca de educação significativa, educação com sentido, educação atrativa. Segundo Souza et al (apud SANTOS,2007, p.25):

[...] esse resgate passa necessariamente pelo resgate do sujeito do processo de aprendizagem. Resgates possíveis a partir de uma prática docente que considere o aprender em uma dimensão mais ampla: no âmbito do conhecimento, da valorização da palavra e da autonomia e da inclusão de valores éticos e sociais.

Por isso é tão fundamental que a prática docente seja atualizada e adaptada a cada contexto, uma prática reflexiva que possa discutir algo da realidade dos alunos e mesmo assim fazer com que determinado conteúdo possa ajudá-los.

E para isso partimos da necessidade da formação contínua dos supervisores e equipe pedagógica para e auxiliar os professores a fazerem o mesmo, e que busquem então fazer a relação da teoria e prática, para que assim possa compreender que tais alunos vêm para a escolar com o objetivo, e para estarem na escola enfrentarem dificuldades sejam emocionais, familiares ou sociais, como foi confirmada pelos depoimentos dos entrevistados.

Ter consciência do que ensinar é mais do que meramente expor um conteúdo, ou até mesmo do fazer um depósito como nos adverte Freire (1987, p.33) “[...] Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”, mas acreditar que o ensinar tem que atingir a vida do aluno de maneira que ele possa construir desconstruir e reconstruir o conhecimento. Acreditar é o primeiro e grande passo que todo professor deve tomar para que faça a diferença na arte de ensinar.

Se os alunos evadem e voltam para escola após enfrentarem diversas barreiras, é porque eles buscam algo na escola, se através dessa busca eles pudessem ser surpreendidos por um ensino qualitativo isso faria toda diferença na vida deles. Sendo assim, os professores precisam estar atentos e saber que podem ser decisivos na permanência de seus alunos na escola, e que uma aula diferenciada poderá instigar esses alunos, mesmo tendo que enfrentar tantas barreiras, a continuar buscando essa qualidade de vida por meio dos estudos.

Encerrando a conversa com nossos entrevistados, questionamo-nos que melhoras eles proporiam para a Educação de Jovens e Adultos da E M Adalgisa Amorim e gostaríamos de iniciar com uma fala marcante de Danilo que disse: “Cursos profissionalizantes para ajudar aos alunos entrarem no mercado de trabalho” Esta fala aparece nos demais alunos, que gostariam que a escola contemplasse, também o Fundamental II, já que só funciona com o Fundamental I e quando terminam este precisam sair da escola para frequentar uma escola bem mais longe se suas residências, o que faz com que muitos acabem desistindo de continuar os estudos.

Ouvir esses alunos nos permitiu conhecer um pouco do que eles pensam e poder ver que eles podem oferecer pistas valiosíssimas para a melhoria da qualidade das aulas da EJA.

O que nos revelou a voz dos professores

Queremos ressaltar que apesar da falta de incentivo e de formação específica para se atuar na EJA, os profissionais educacionais como o supervisor que é um condutor dos docentes pode ter sua formação continuada a partir do momento que ele faça a reflexão de sua prática educativa de modo que gere uma mudança significativa dela, perpassando essa prática educativa para os professores que estão a frete da aprendizagem desses alunos.

O que Candau (1999) e também nós questionamos é que não só a perspectiva “clássica” da formação continuada deve ser levada a sério a escola também é o fundamental lugar que proporciona essa continuidade da formação, pois é essencial que o saber docente e seu reconhecimento e valorização também seja levado a sério.

Dentro dessa perspectiva iniciamos, portanto nossa entrevista com os professores buscando conhecer um pouco de sua história como docente e para isso começamos a ouvi-los sobre o porquê de eles terem escolhido o magistério e especificamente, porque escolherem atuar na EJA.

O docente A, ainda afirma que os professores precisaram se adaptar à EJA para lecionar, antes de buscarem a formação continuada eles precisaram primeiro se adaptar a essa modalidade. Nesse sentido, Arroyo (2006, p.19).

Esse tem de ser um dos traços de sua formação, ter conhecimento da atual situação da EJA, em termos de sua própria construção, como política pública, como responsabilidade e dever do Estado. Seria interessante se, já nos programas de formação do educador de jovens e adultos, se dessa notoriedade ao momento configurador da EJA.

Os professores precisam tomar um grande e decisivo passo na formação continuada específica para se trabalhar com jovens e adultos, que é buscar conhecer a história da EJA, para que entendam a sua situação atual e assim possam traçar estratégias para se trabalhar com esse público. “Temos de reconhecer que o educador da EJA é muito mais plural que o educador de escola formal. Se existe algo que possamos fazer é deixar que esse perfil plural do educador de jovens e adultos contamine o perfil do educador escolar” (ARROYO, 2006, p.20).

Essa pluralidade exige do professor tenha um novo olhar específico para um público de alunos caracterizados por uma grande vivência em suas trajetórias e as professoras A e B, percebem essa importância e nos relata:

Olhar para essas pessoas do EJA com um olhar crítico, um olhar já pré-

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

estabelecido, é complicado... Então na verdade eu penso que o olhar para esses alunos tem que ser um olhar muito sutil, é muito necessário...

Temos que tratar os alunos da EJA de forma mais centrada não ter os alunos da EJA como alunos marginalizados... E a EJA tem que ser valorizada porque são pessoas que merecem um ensino de qualidade como todos os outros também das series regulares. Trabalhar com aluno da forma mais clara e concisa para que ele procure absorver o máximo possível dentro daquilo que você está repassando pra eles.

Percebemos que essas professoras reconhecem que a forma de enxergar esses jovens e adultos é determinante para a qualidade de ensino, pois como a professora B declara esses alunos também merecem o ensino de qualidade e não se diferenciam nesse aspecto dos alunos do ensino regular, todos tem direito a significação do ensino, a diferença é que os jovens e adultos já tiveram uma interrupção e até mesmo uma negação desse direito, mas voltaram a escola e merecem ter o ensino significativo de modo que possa os ajudar não apenas na elevação da escolaridade, mas que também possa contribuir na suas vidas.

Apesar de a pedagogia ter sempre se alimentado da infância como firma Arroyo (2006), a EJA nasceu proporcionando a possibilidade de um repensar pedagógico em que se possa considerar o trabalho como matriz formadora, que também considere o jovem e adulto, como pessoas que estão em constante formação e necessitam que ela atenda suas necessidades. Portanto, o autor acredita ser preciso “Formar profissionais capazes de construir uma teoria pedagógica que se enriqueça com os processos de formação de jovens e adultos.” (P.26) de maneira que segundo o professor João “leve o aluno ao experimento... Um aprendizado multidisciplinar...”.

Conversar com as professoras nos proporcionou conhecer um pouco de suas realidades, seus desafios e adversidades, e como uma orientação capacitada para essa modalidade pluralista, reflete em suas docências lhes auxiliando a conduzir um aprendizado significativo de acordo com a vivencia e a realidade desses educandos.

O que nos revelou a voz da supervisora

Atualmente as práticas de supervisão e coordenação pedagógica promovem um impacto significativo no contexto escolar e no acompanhamento do professor, podendo contribuir para uma prática pedagógica mais efetiva e portanto, contribuir para combater a evasão escolar. Nesse sentido, a supervisora entrevistada nos relatou que é preciso se renovar todos os dias, para estar preparada mediante as expectativas na educação de jovens e adultos.

Na instituição, lócus da pesquisa, o supervisor educacional é um dos profissionais da equipe de gestão, que trabalha diretamente com os professores e acompanha o desenvolvimento dos alunos, contribuindo com a organização pedagógica escola, na organização e realização da proposta pedagógica e com a comunidade. Esse profissional assume um caráter mediador junto aos demais educadores e atuando com todos os protagonistas da escola. Promover o diálogo e melhor convivência entre todos na instituição. Conhecer a realidade e transformá-la, para que seja mais justa e humana, basicamente o orientador educacional na dimensão contextualizada diz respeito, basicamente ao estudo da realidade do aluno, ou seja, uma formação continuada reflexiva trazendo para dentro da escola, no sentido de melhor promoção do seu desenvolvimento.

Partindo deste relato observamos que de fato que as diversas experiências vivenciadas no espaço escolar contribuem significativamente para formação que sempre estará se construindo e reconstruindo para uma educação de qualidade para estes jovens e adultos, basta que os profissionais se disponham realmente a executar essa reflexão cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nos permitiu perceber que o educador da EJA precisará estar em constante formação refletindo suas práticas pedagógicas, dando uma nova ressignificação a sua atuação, pois a demanda advinda da EJA exige-lhe uma formação peculiar para atender as especificidades e necessidades de seu alunado. Nessa perspectiva, é importante conhecer os discentes da escola para diagnosticar, mapear e optar pelas melhores estratégias que atendam a esse público específico.

O aluno adulto é independente e seleciona aquilo que quer aprender, de acordo com seus anseios profissionais e pessoais. Muitos voltam para a escola cheios de sonhos e de esperanças em construir um futuro digno. Cabe a equipe pedagógica da escola buscar estratégias que atendam esse público específico. Sendo assim a educação de jovens e adultos para ir além da educação formal, deve incorporar as práticas e os saberes construídos no cotidiano, sabendo que a escola e os educandos devem caminhar juntos, pois ensinar requer uma exigência e vontade de busca constante e fundamental, nas salas de aula da EJA para um aprendizado significativo que venha a suprir as necessidades e anseios desses educandos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens- adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** Diálogos na educação de jovens e adultos. IN: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de; GOMES, Nilma Lino (orgs.) - 2ª ed, 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 19-50.

ARROYO, Miguel González. **Formar educadoras e educadores de jovens e adultos.** . IN: SOARES, Leôncio (org.). Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autentica/ SECAD-MEC UNESCO, 2006, p. 17-32.

BARRETO, Vera. **Formação permanente ou continuada.** IN: SOARES, Leôncio (org.). Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autentica/ SECAD-MEC UNESCO, 2006, p. 93-102.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes da educação nacional, p.18. Coletânea de Legislação: marcos legais. Brasília: Fundescola/MEC, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação-Lei Nº 5.692/71.** Estabelece as diretrizes da educação nacional. Brasília: MEC, 1975.

CANDAU, Vera Maria de (org.). **Magistério: construção cotidiana.** 3ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire;** [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2006.

SANTOS, Geovânia Lúcia. **Quando adultos voltam para a escola: o delicado equilíbrio para obter êxito na tentativa de elevação da escolaridade.** IN: SOARES, Leôncio. Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autentica, 20